

Moradores denunciam demora no combate à dengue no ABC

Maria Teresa Orlandi
Do Diário OnLine



Apesar do risco iminente de uma epidemia de dengue chegar à região, as prefeituras têm demorado para detectar e extirpar potenciais criadouros do mosquito *Aedes aegypti*,

transmissor da dengue. A averiguação de denúncias de moradores sobre locais que podem servir como “berço” do mosquito chega a levar dois meses, tempo mais que suficiente para a reprodução das larvas, que acontece, em média, entre sete e dez dias. As prefeituras, por sua parte, dizem que o número de denúncias tem sido muito grande e, frente à escassez de pessoal para verificar todos os casos in loco, a prioridade têm sido o bloqueio a áreas onde há casos confirmados ou suspeitos de dengue.

Na região central de Santo André, um terreno com um conjunto de casas parcialmente demolidas, localizado na rua Antônio Bastos, com vários recipientes que acumulam água — ambientes propícios para a proliferação do mosquito —, como caixa d’água descoberta, vaso sanitário, latas e baldes expostos a céu aberto, foi vistoriado pela Vigilância Sanitária somente dois meses depois da denúncia de um vizinho.

“Denunciei os possíveis focos do mosquito à prefeitura pela primeira vez no dia 27 de dezembro. Depois disso, entrei em contato outras duas vezes, mas a vistoria só foi feita em 25 de fevereiro. Será que estão esperando alguém se contaminar para tomar alguma providência?”, reclama o advogado Vicente de Paula Hildevert.

A diretora do Departamento de Vigilância Sanitária de Santo André, Rosa Maria Pinto de Aguiar, admitiu que o tempo para a verificação foi muito longo, mas, segundo ela, foi atípico. “Normalmente o prazo é menor, apesar da grande quantidade de vistorias que temos feito. Mas precisamos apurar o que aconteceu para tanta demora nesse caso”, afirmou.

Segundo Rosa, o procedimento é notificar o proprietário do imóvel e orientá-lo a remover os recipientes que podem servir para a proliferação do

Aedes aegypti. Em caso de reincidência, o proprietário pode ser multado, conforme prevê o Código Sanitário Estadual.

O chefe do setor de Controle de Roedores e Vetores da cidade, Rodolfo Andreane, explica que a prioridade tem sido bloqueio a áreas onde há casos confirmados ou suspeitos de dengue. “A demanda é muito grande, estamos com 400 vistorias em débito e trabalhamos dentro do possível. Nossa prioridade tem sido o bloqueio de regiões onde há casos confirmados ou de suspeita de dengue. Temos, em média, 20 bloqueios diários”, justificou. Apesar do crescimento da demanda, de acordo com Andreane, não há previsão de aumento da equipe envolvida no combate e prevenção à dengue, que hoje conta com cerca de 100 pessoas na cidade.

Congestionamento - A dificuldade de acesso às linhas telefônicas dispostas pelas prefeituras à população para denúncias e orientação também tem sido alvo de reclamações. O professor Artur Fernando de Vito afirma que há mais de duas semanas tenta denunciar possíveis focos do mosquito em um terreno pertencente à montadora Volkswagen, na avenida José Fornari, no Ferrazópolis, em São Bernardo.

O terreno, que fica ao lado das obras de um piscinão da prefeitura e que, em grande parte de sua extensão, não possui muro ou grade de proteção, é utilizado pela população como depósito de entulho e abriga criadouros em potencial do *Aedes aegypti*, como pneus e latas. “Venho tentando denunciar o local para o disque-dengue há mais de duas semanas, mas a linha está sempre ocupada e continuamos convivendo com esse perigo”, diz o professor.

A prefeitura também utiliza parte do terreno para colocar material de construção e entulho proveniente das obras do piscinão.

A Volks informou, por meio de sua assessoria de imprensa, que providenciará a limpeza do terreno e a reconstrução da cerca que protegia a propriedade, que, de acordo com a empresa, foi destruída por populares.

O diretor da Secretaria da Saúde de São Bernardo, Wagner Kuroiwa, admitiu o congestionamento na linha, que, segundo ele se deve ao grande número de denúncias que chega à prefeitura — cerca de 100 pedidos de verificação por dia. Para melhorar o atendimento, mais duas linhas do CCZ (Centro de

Controle de Zoonoses), não gratuitas, foram colocadas em operação.

Segundo ele, muitos casos podem ser solucionados através de orientações por telefone. "Pedimos uma participação mais intensa da comunidade no combate à dengue. Quem vir locais com acúmulo de água pode conversar com o vizinho e orientá-lo a esvaziá-los. Pneus abandonados podem ser preenchidos com sal para evitar a reprodução do mosquito. São soluções simples que contribuem muito com a prevenção", afirma.

Médico alerta para perigo da automedicação

Do Diário OnLine

O infectologista Vasco Carvalho de Lima, diretor do Instituto Emilio Ribas, alerta que um simples analgésico pode agravar o quadro do portador do vírus da dengue. "Medicamentos à base de ácido acetil salicílico (*que compõe a fórmula da Aspirina e do AAS, entre outros analgésicos*) podem agravar um quadro de dengue hemorrágica. Nem sempre o paciente com essa forma da doença, que é a mais grave, tem hemorragias e a substância pode causar sangramentos", explica.

Segundo Carvalho, não há medicação contra a dengue, apenas recomendação de repouso e ingestão de bastante líquido. "A doença dura entre sete e dez dias e a recuperação leva, em média, duas semanas."

Os sintomas da dengue clássica são febre alta, cefaléia (dor de cabeça), dores musculares, abdominais e manchas na pele. Os da dengue hemorrágica, inicialmente, são mesmos, mas evoluem rapidamente para manifestações hemorrágicas, que variam de leves sangramentos gengivais a hemorragia gastrointestinal, intracraniana e derrames.

Os casos de dengue hemorrágica são mais comuns em pessoas que já tiveram o, mas, ocasionalmente, também é possível que alguém desenvolva essa forma da doença no primeiro contágio.

A transmissão é feita pela fêmea do *Aedes aegyptis*, que precisa do sangue, preferencialmente humano, para se alimentar. Ela se infecta ao picar uma pessoa doente e normalmente ataca durante o dia. O clima quente é determinante na transmissão da dengue,

que raramente acontece em temperaturas abaixo de 16° C. (MTO)

Grande ABC tem 151 casos confirmados de dengue

Do Diário OnLine

O Grande ABC tem 151 casos confirmados e 518 notificações ou suspeitas de dengue, segundo dados do acumulado do ano até 27 de fevereiro, divulgados pela DIR-2 (Divisão Regional de Saúde). O município que lidera o número de casos é São Bernardo, com 57 vítimas e 218 notificações. Não foi comunicado à DIR-2 nenhum caso autóctone — contraído nos sete municípios da região.

Santo André tem sete casos confirmados e 98 notificações, seguido de Diadema e Mauá, com 13 vítimas cada, além de 84 e 70 notificações, respectivamente. São Caetano tem seis casos confirmados e 24 suspeitos, enquanto Ribeirão Pires tem um caso e 20 notificações. Já Rio Grande da Serra não tem nenhum caso confirmado e quatro suspeitos.

Nenhuma das cidades teve o casos confirmados da forma hemorrágica da doença, a mais grave e que pode levar à morte.

O risco de epidemia no Grande ABC existe porque a região está "cercada" de cidades que possuem casos autóctones — quando a doença é contraída no município em que a vítima mora. Até esta quinta-feira a cidade de São Paulo tinha 389 casos da doença, sendo 10 autóctones, e a Baixada Santista tinha 986 casos, todos contraídos in loco.

No Rio de Janeiro — que vive a maior epidemia de dengue da história do Estado — foram registradas 24 mortes até esta segunda. (MTO)

Moradora reclama de atendimento

Do Diário OnLine

Uma moradora de Santo André diz que não conseguiu registrar uma importante denúncia sobre possíveis criadouros do mosquito transmissor da dengue por meio das linhas disponibilizadas pela prefeitura para denúncias e informações. A psicóloga Isabel Cristina de Souza relatou a existência de pneus, lonas e caixas de isopor em dois terrenos no

Jardim Bela Vista, mas o serviço de atendimento do disque-dengue alegou que só poderia encaminhar a informação à Vigilância Sanitária se houvesse água parada no local.

“Eles me perguntaram se havia água nos recipientes e eu disse que aparentemente não, mas que se chovesse certamente acumularia. A resposta foi que as equipes só iriam a locais que abrigassem água parada. O que eu entendi, então, é que apesar de a prefeitura pedir para que denunciemos possíveis criadouros, não há um trabalho de prevenção”, diz a psicóloga.

Mosquito - A socióloga Sônia Maria Vancini encontrou um mosquito semelhante ao *Aedes aegypti* em sua casa, na Vila Pires, também em Santo André, e o guardou em um recipiente. Ela queria confirmar se era o mosquito transmissor da dengue e acionou os serviços da prefeitura em 24 de janeiro. “Me deram um prazo de 15 dias para buscar o mosquito, mas até hoje (27 de fevereiro) ninguém veio. Perguntaram se eu poderia levá-lo ao CCZ, mas para mim não é possível porque trabalho”, disse.

A orientação das prefeituras, porém, é de que mosquitos capturados sejam levados aos CCZs ou UBSs (Unidades Básicas de Saúde) para uma confirmação mais rápida. (MTO)